

Imigrantes Brasileiros na Argentina: Um Perfil Sociodemográfico

HASENBALG, Carlos, FRIGERIO, Alejandro.

Imigrantes brasileiros na Argentina : um perfil sociodemográfico.

Rio de Janeiro : IUPERJ, 1999. (Série estudos, n. 101).

Há uma extensa discussão sobre a interdisciplinariedade possível, e desejável, entre a demografia e os estudos socioculturais. No livro *Anthropological Demography - Toward a New Synthesis*¹, Kertzer e Fricke debatem as maneiras pelas quais os demógrafos vêm incorporando a dimensão cultural (e não apenas a territorial, por exemplo) para recortar, definir e classificar populações. Creio que o inverso também é verdadeiro. Levantamentos demográficos são importantes para que sociólogos e antropólogos possam diferenciar e especificar as populações com as quais trabalham, evitando, assim, que estas populações sejam tomadas como um todo homogêneo, quando não o são. Os dados sociodemográficos são especialmente relevantes nos contextos em que divisões e diferenciações começam a ser apresentadas no interior de um mesmo grupo populacional, ou ainda naqueles contextos em que as diferenças se sobrepõem, porque eles ajudam a explicar alinhamentos, formação de subgrupos, clivagens, etc.

Os movimentos migratórios são, por excelência, um tema interdisciplinar. De fato, a emigração brasileira vem atraindo a atenção de um conjunto de pesquisadores que têm procurado abordar este fenômeno a partir de diferentes campos de estudo e perspectivas,

focalizando, ainda, diversos aspectos: inserção no mercado de trabalho, construção de identidades, condições de vida, formas de sociabilidade, etc. Dentro desse quadro mais amplo, as características sociodemográficas dos emigrantes brasileiros ainda carece ser melhor compreendida. Há, contudo, um fator impeditivo para que isto ocorra. Como é sabido, brasileiros são, na sua grande maioria, imigrantes não documentados. Salvo exceções, eles emigram com visto de turista e permanecem no país de destino após a expiração do prazo concedido. Desse modo, por um lado, não há registro de saída no Brasil e, por outro, apenas uma pequena parcela é contabilizada nos censos realizados nos países receptores. Como decorrência, as interpretações acerca dos temas acima relacionados correm o risco de permanecerem "soltas no ar". Desconhecer características sociodemográficas básicas de uma população migrante não impede que se fale sobre ela. Contudo, analisar diversos aspectos desta população, tendo como referência os dados sociodemográficos, pode ajudar a perceber sua heterogeneidade e especificidades.

Neste sentido, o livro *Imigrantes Brasileiros na Argentina – Um Perfil Sociodemográfico* é extremamente oportuno.

¹ KERTZER, D. FRICKE, T. (Ed.) *Anthropological demography : toward a new synthesis*. Chicago : University of Chicago Press, 1997.

Apesar do título, os autores não se restringem a apresentar tal perfil. Eles também discutem temas atualmente caros à literatura sobre migrações internacionais e, ao fazê-lo, incorporam ao estudo dos imigrantes brasileiros os dados do censo argentino de 1991 e os dados colhidos através de um *survey* com 50 entrevistas qualitativas semi-estruturadas com imigrantes brasileiros residentes na área metropolitana de Buenos Aires.

Outro recurso metodológico que a pesquisa incorpora, igualmente importante de ser destacado, é a dimensão comparativa da população pesquisada, seja em relação aos imigrantes advindos dos demais países limítrofes à Argentina, seja ainda em relação à população brasileira que emigrou para outros países (especialmente Europa e América do Norte). Fazer uso deste recurso permite aos autores compreender a especificidade (ou não) da população brasileira residente na Argentina, assim como as características desse movimento migratório que, em muitos pontos, também apresenta singularidades.

A presença de brasileiros na Argentina aparece registrada já no primeiro Censo Demográfico realizado em 1869, quando foram contados cerca de 6 000 brasileiros (1/3 deles residentes na cidade de Buenos Aires). Ao longo do Século XX, a intensidade do fluxo diminui, mas volta a ser significativo na década de 70, com a chegada de brasileiros à região de Misiones (que representa atualmente mais de 50% dos brasileiros residentes naquele país). A partir de então tornou-se clara a existência de dois subsistemas migratórios, ou seja, pólos independentes de atração: Misiones e Área Metropolitana de Buenos Aires - AMBA. Em 1991, o censo argentino registrou a presença de 33 476 brasileiros (apenas 4% do total de imigrantes nascidos em países limítrofes), sendo 51,2% em Misiones e 15,3% na Área Metropolitana de Buenos Aires.

Quando se compara as características da população brasileira residente na AMBA e em Misiones, o que mais sobressai são as diferenças existentes entre ambas. Com

o primeiro grupo, além dos dados do censo, foram realizadas 50 entrevistas qualitativas (acima referidas). Infelizmente, não foi adotado o mesmo procedimento em relação aos brasileiros residentes em Misiones. Desse modo, entre os dois grupos, a comparação é estabelecida apenas a partir dos dados fornecidos pelo censo, enquanto os dados relativos a motivações para emigração, papel das redes, formas de sociabilidade e representações sociais, colhidos nas entrevistas qualitativas, ficaram restritos à área metropolitana de Buenos Aires. Contudo, seguindo as pistas fornecidas pelo próprio livro, seria interessante comparar os dois grupos para investigar de que maneira (e até que ponto) as diferenças demográficas se refletem nas representações socioculturais. Apenas para citar um exemplo, segundo os autores, a cultura brasileira é positivamente valorizada pelos nativos em Buenos Aires, cidade onde os brasileiros são "bem-vindo". Entretanto, se a questão é de ordem cultural, por que os brasileiros não são "bem-vindos" em Misiones? Eles não possuem os mesmos atributos da nossa "cultura nacional"? Como os autores demonstram, há outras variáveis, tais como classe e nível educacional, que são igualmente relevantes para explicar tal discrepância.

A emigração de brasileiros para aquela região está ligada às condições da estrutura agrária do Sul do Brasil, caracterizada pela concentração fundiária e elevação dos preços da terra especialmente nas décadas de 70 e 80. Os brasileiros residentes em Misiones são trabalhadores agrícolas e possuem um baixo grau de escolaridade.

Isto ajuda a explicar por que os contextos de recepção encontrados pelos brasileiros em Buenos Aires e em Misiones são tão diferentes. Na AMBA as ocupações exercidas pelos brasileiros estão concentradas no setor de serviços e o mais importante é que a estrutura por ramo de atividade deste grupo é bastante próxima à média nacional argentina. Por um lado, esta é uma condição diferente daquela que os brasileiros desfrutam em Misiones e, por

outro, ela também difere do tipo de inserção ocupacional que os brasileiros vivenciam nos demais países para os quais estão emigrando. Tanto na América do Norte quanto na Europa, a trajetória ocupacional dos brasileiros é marcada pela queda do status ocupacional (e social). Entretanto, na região de Buenos Aires, os brasileiros exercem ocupações condizentes com o nível de instrução que possuem. A esta situação singular os autores atribuem, especialmente, duas ordens de fatores: o tempo mais longo da existência do fluxo e a condição de legalidade que a maioria desfruta (mais da metade dos brasileiros registrados no Censo de 1991 chegou na AMBA antes dos anos 80).

Dentre os dados demográficos, chama atenção o alto grau de exogamia da população brasileira. Mais da metade dos casamentos e uniões consensuais é composta por homem brasileiros e mulheres argentinas, sendo que apenas 4% dos brasileiros estão casados com seus compatriotas. A este alto índice de exogamia os autores atribuem à valorização positiva da sociedade receptora de certas características culturais brasileiras.

Há dois achados na pesquisa que merecem ser destacados, pois permitem dialogar com as interpretações em voga sobre migrações internacionais, de modo diferenciado, porque introduzem novos elementos à discussão: a presença relativamente baixa da motivação econômica no processo migratório e o papel também pouco relevante exercido pelas redes sociais na manutenção do fluxo.

A maioria dos brasileiros abarcados na pesquisa não emigrou motivada pela perspectiva de alcançar melhores salários e rendimentos (principal motivação apresentada pelo modelo *push and pull*). Dito de outro modo, razões de ordem econômica não são determinantes para explicar a ocorrência da emigração de brasileiros para a área

metropolitana de Buenos Aires. Segundo os autores, o movimento pode ser melhor explicado pelas relações criadas entre brasileiros e argentinos, a partir do turismo e do processo de constituição do MERCOSUL.

Creio que este dado não corrobora com as explicações apoiadas no modelo *push and pull* (tal como os autores assinalam), assim como também não se encaixa às interpretações economicistas que, embora descartem os pressupostos da economia neoclássica, interpretam os deslocamentos populacionais como sendo determinados por variáveis estritamente econômicas. O papel atribuído ao turismo aponta para outros caminhos que evidenciam a importância da dimensão cultural presente neste movimento migratório. Observa-se que uma série de pesquisadores vem enfatizando a relevância da dimensão cultural para explicar os movimentos migratórios internacionais contemporâneos. Sassen e Portes², por exemplo, acentuam o avanço da expansão cultural dos países receptores em direção aos países de origem dos imigrantes como um dos fatores que propiciam os fluxos migratórios num mundo globalizado. Aspectos da cultura dos países receptores (como por exemplo padrões de consumo e estilos de vida) exercem uma forte atração sobre a população dos países de origem. No caso aqui analisado, a questão se coloca de uma outra maneira, pois não se trata da expansão ou do "domínio" de uma cultura (país receptor) sobre a outra (país de origem). Acredito ser este, portanto, um caminho que merece atenção, caso os autores dêem prosseguimento a esta pesquisa.

Finalmente, o livro chama a atenção para o papel pouco relevante que as redes sociais tendem a desempenhar no fluxo Brasil - área metropolitana de Buenos Aires, se comparado ao papel que as redes desempenham nos processos migratórios de brasileiros para os demais países. Tal

² PORTES, Alejandro, RUMBAUT, Rubén. *Immigrant in America: a portrait*. Los Angeles: University of California Press, 1990; SASSEN, Saskia. *The mobility of labor and capital*. New York: Cambridge University Press, 1988.

conclusão está apoiada em uma noção de rede social formada por laços de amizade, familiares e vizinhança. Segundo os autores, dentre os 50 entrevistados poucos foram aqueles que emigraram contando com a ajuda das redes sociais ou que obtiveram apoio deste tipo de rede quando lá chegaram. A pesquisa registra bares e organizações comunitárias que oferecem espaços de ajuda e socialização aos brasileiros. Mas isso ocorre num momento posterior à emigração.

Valeria perguntar, no entanto, se o caso analisado neste livro não aponta para a configuração de um tipo específico de

rede, capaz de dar suporte ao fluxo de um modo também diferenciado. Parece interessante considerar a possibilidade de estarem sendo formadas redes, não através de relações sociais, mas sim através daquilo que os próprios autores definem como sendo estratégico na manutenção do fluxo: o turismo e a constituição de um mercado regional, ou seja, o MERCOSUL. Neste caso, não se trata de redes extensas que ligam regiões de destino às de origem, e sim de redes mais dispersas e efêmeras que, apesar dessas características diferenciadas, são capazes de dar sustentação ao movimento migratório.

Autora: Ana Cristina Braga Martes - pesquisadora do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas - NEPP -, autora da tese *Imigrantes Brasileiros em Massachusetts*, defendida junto ao Departamento de Ciências Políticas da Universidade de S. Paulo, 1998.